
CARGA AÉREA - ZONA LIVRE DE COMÉRCIO PARA 15 PAÍSES DA ÁSIA E PACÍFICO

«A Parceria Económica Abrangente Regional (RCEP - Regional Comprehensive Economic Partnership) é o maior acordo comercial do mundo em termos de Produto Interno Bruto (PIB). Este pacto foi proposto em 2012 e é visto como a reação chinesa a uma iniciativa semelhante lançada pelos Estados Unidos durante a presidência de Barak Obama, Parceria Transpacífica (Trans-Pacific Partnership), entretanto, abandonada pelo Governo do Presidente cessante, Donald Trump. O acordo, que abre caminho para a criação de uma **zona livre de comércio**, abrange dez economias do sudeste asiático (Indonésia, Tailândia, Singapura, Malásia, Filipinas, Vietname, Birmânia, Camboja, Laos e Brunei) mais a China, Japão, Coreia do Sul, Nova Zelândia e Austrália, que representam cerca de 30% do PIB mundial e onde vivem mais de 2 mil milhões de pessoas. "Estou muito satisfeito que depois de oito anos de negociações complexas, possamos encerrar hoje oficialmente as negociações do RCEP", disse o primeiro-ministro do Vietname, Nguyen Xuan Phuc, país que detém a presidência rotativa da ASEAN. Já o primeiro-ministro chinês, Li Keqiang, assinalou, por seu lado, que o facto de o RCEP ter sido assinado após oito anos de negociações e com o mundo a enfrentar uma pandemia, "coloca um raio de luz e esperança no meio das nuvens". "Isto mostra claramente que o multilateralismo é o caminho certo e representa a direção certa da economia mundial e do progresso da humanidade", referiu o primeiro-ministro da China, citado pela AFP. A Índia tinha previsto aderir a este pacto comercial sem precedentes, mas decidiu, no ano passado, retirar-se, temendo uma invasão de produtos chineses baratos no seu mercado interno. Nova Deli reservou, porém, a opção de aderir a este acordo posteriormente. O RCEP constitui um "grande passo para a liberalização do comércio e dos investimentos" na região, disse Rajiv Biswas, economista-chefe para a Ásia e Pacífico da consultora IHS Markit. A assinatura do acordo surge num contexto de crise económica, devido à epidemia da covid-19. Este pacto comercial também é amplamente visto como uma forma de a China ampliar a sua influência na região, após o isolacionismo adotado pelos Estados Unidos, durante a presidência de Donald Trump.»